

JOÃO KÖPKE E ARNALDO BARRETO: UM ENCONTRO MEDIADO PELO MÉTODO ANALÍTICO PARA O ENSINO INICIAL DA LEITURA

Maria das Dores Soares Maziero¹
Norma Sandra de Almeida Ferreira²

Este texto se dispõe a promover um encontro entre dois importantes educadores brasileiros: o paulista Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925) e o fluminense João Köpke (1852-1926) – de modo a situá-los histórica e socialmente como autores importantes no campo da alfabetização, no período compreendido entre os anos finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Estabelecer paralelos entre a trajetória profissional de ambos, com ênfase na contribuição que deram à constituição do campo das publicações das cartilhas para alfabetização pelo método analítico, também é intenção das autoras. Construir uma distinção entre os modos escolhidos por cada um deles para dar concretude às histórias produzidas em suas cartilhas analíticas será o principal foco deste artigo.

Um bacharel que se tornou professor

O bacharel em direito João Köpke nasceu em Petrópolis/RJ, em 1852, e faleceu em 1926, no Rio de Janeiro. Fez parte de uma rede de homens públicos que exerceram cargos na instrução pública de São Paulo e na vida política no país, como Prudente de Moraes, Rui Barbosa, Rangel Pestana, Silva Jardim, Caetano de Campos, entre outros, que com ele fundaram e dirigiram escolas.

João Köpke foi um professor que educou os filhos de uma elite que governava o país, fundando, no Rio de Janeiro, o Instituto Henrique Köpke (1886 a 1897). Antes, havia sido diretor e professor em algumas escolas de São Paulo: no Curso preparatório anexo à Faculdade de Direito (1874 a 1878); no Colégio Pestana (1878); na Escola Primária Neutralidade (1884 a 1886) e, em Campinas, nos Colégios Florence e Culto à Ciência (1880 a 1884).

Foi ainda autor de um conjunto significativo de cartilhas, livros em série e avulsos destinados aos alunos do Instituto H. Köpke e que, segundo ele próprio, eram frutos de “nossa pratica” em um cenário no qual havia pouca produção de qualidade destinada ao ambiente escolar (KÖPKE, 1896).

Lutou junto à Corte e aos governos republicanos pela adoção de suas obras. Foi assim, por exemplo, nas matérias publicadas no jornal *O Estado da S. Paulo*, em que manifesta sua indignação pelo fato de o governo paulista haver recusado, em 1916, sua oferta de cessão dos direitos sobre a *Cartilha 1 e 2* para adoção nos grupos escolares (MORTATTI, 2000), entre outros.

João Köpke foi alguém que viveu modestamente, recebendo em alguns momentos favores de amigos, especialmente para manutenção de suas escolas (FERREIRA, 2016). Segundo D’Ávila (1964, p. 35), com seu falecimento desapareceria “o mestre do livro para crianças, pioneiro no bom sentido, (...) a pena feiticeira das histórias mais encantadoras do livro brasileiro de leitura”. (p. 135).

Um normalista que se tornou autor de livros escolares

Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925) nasceu 1869, em Campinas, São Paulo, filho de um farmacêutico, o Sr. Antônio Jesuíno de Oliveira Barreto. Estudou no Colégio Internacional

¹ FACP, Paulínia/SP. E-mail: s.maziero@uol.com.br.

² UNICAMP, FE, Campinas/SP. E-mail: normasandra@yahoo.com.br.

de Campinas, de 1874 a 1876, quando devido ao falecimento inesperado do pai precisou abandonar os estudos, indo trabalhar nas oficinas do Jornal *Diário de Campinas*.

Em 1889, ingressou na Escola Normal de São Paulo, recebendo o diploma de Professor em 1891. Lecionou em escolas isoladas de Campinas, até ser convidado, em 1894, para reger uma classe na Escola Modelo anexa à Escola Normal da Capital. Exerceu cargos importantes no campo educacional paulista, tais como Diretor do Ginásio de Campinas, Inspetor de Ensino e Diretor da Escola Normal da Praça da República, cargo que ocupava na ocasião de seu falecimento, em 1925.

Segundo D'Ávila (1964, p. 267), “ao lado de sua atividade educacional, desenvolveu intensa vida jornalística, colaborando em diversos jornais e revistas especializadas. Mas é sobretudo como escritor educacional que sua obra avulta”. Nesses campos citados por D'Ávila, Arnaldo Barreto foi Redator-chefe da *Revista de Ensino* no período de 1902-1904, além de autor de cartilhas e livros escolares de leitura. A partir de 1915 e até 1925, ano de sua morte, foi o responsável pela idealização e coordenação da publicação dos primeiros 28 volumes da coleção “Biblioteca Infantil”, pela então Weiszflog Irmãos, futura Editora Melhoramentos, coleção reeditada e publicada até meados do século XX, oferecendo a várias gerações de leitores “histórias de ternuras para mãos pequeninas” (MAZIERO, 2015).

O encontro: na atuação profissional

Quando Arnaldo Barreto nasceu, João Köpke já tinha dezessete anos, portanto a trajetória de ambos se cruza mais diretamente apenas em alguns momentos, entre eles o das questões relativas à implantação do método analítico no Brasil, mais especificamente no Estado de São Paulo.

Este encontro revela pontos em comum: são dois educadores atuantes, que circularam em espaços semelhantes, tendo sido professores e compartilhado uma base teórica comum. São autores de cartilhas e de livros escolares em série, publicados principalmente pela Livraria Francisco Alves, além de escritores de artigos e conferências em periódicos destinados a professores, atuando como formadores de opinião no campo da educação, tendo influenciado na formação de várias gerações de leitores.

Ambos serão autores de cartilhas para o ensino da leitura, como: *Cartilha das Mães* (1895) e *Cartilha Analítica* (1909) - Arnaldo Barreto - e *Methodo racional e rápido para aprender a lêr sem soletrar – dedicado á infancia e ao povo brasileiro* (1874; 1879); *O Livro das Mães* (1890); *O livro Infantil – Primeiras Leituras* (1890); *O Livro de Hilda – ensino da leitura pelo método analytico* (1902), de João Köpke.³

Em 1890, João Köpke publica *Livro das Mães* e *Livro infantil – Primeiras leituras*, cartilhas pouco analisadas pelos estudiosos e que o colocam, provavelmente, como precursor na autoria desse material pelo método analítico em nosso país (FERREIRA, 2015). Também produz *O Livro de Hilda – ensino da leitura pelo processo analítico*, datado de 1902, obra localizada apenas em sua forma manuscrita (SANTOS, 2013).

As cartilhas pelo método analítico, tanto de Köpke quanto de Barreto, são criadas em um cenário educacional marcado pela ascensão de métodos menos mecânicos e mais ativos, que pressupõem a valorização da curiosidade e da autonomia da criança,

Esses dois autores, ao adotar o método analítico para o ensino da leitura, dão centralidade à figura (estampa) como forma de aguçar a curiosidade, explorar os sentidos, incentivando o

³ *Methodo racional e rápido para aprender a lêr sem soletrar*, de Köpke (1874; 1879), e o analítico concebido por João Köpke estão amplamente analisados e situados nos estudos de Mortatti (2000), Ribeiro (2001), Panizzolo (2006), Santos (2013), Ferreira (2015). As cartilhas produzidas por Barreto (1895; 1909) são objeto de rigoroso estudo de Bernardes (2003) e Frade (2010; 2011).

observar para progredir, da percepção à ideia, dos sentidos para a inteligência, do concreto para o abstrato, conforme Valdemarim (2006). A partir da estampa, os alunos, pela observação, criam um conto/historieta, ponto de partida para o ensino da leitura.

Segundo Mortatti (2000), Bernardes (2003) e Frade (2011), a *Cartilha das Mães e a Cartilha Analytica* de Arnaldo Barreto atingiram inúmeras publicações, o que indica sua aceitação por parte de escolas e professores e sua aprovação para adoção pelo governo. Diferentemente, Köpke teve suas cartilhas restritas ao circuito das escolas pelas quais passou ou dirigiu (PANIZZOLO, 2006; SANTOS, 2013).

Entre os dois autores são visíveis os pontos de afastamento na disputa, por exemplo, para adoção de suas cartilhas pelo governo paulista, especialmente a recusa pelas obras de autoria de Köpke (MORTATTI, 2000), ou, ainda, pelas críticas escritas pelo educador fluminense aos autores da série de livros de leitura Puiggari-Barreto, publicadas na *Revista de Ensino*, nº 6, ano II, de 1904 (FERREIRA, 2014).

Provavelmente, seus modos de compreensão sobre o método analítico, ainda que trazendo aspectos em comum, são pontos também de afastamento entre esses autores.

Desencontro no método analítico

Neste texto pretendemos levantar como hipótese que, em comum, esses dois autores apresentam distinções entre eles, especialmente nas compreensões empreendidas em torno de suas concepções de texto, unidade de sentido e de ponto de partida para o ensino da leitura pelo método analítico. Tomaremos como fontes os exemplares das próprias cartilhas analíticas escritas por Arnaldo Barreto (1930) e João Köpke (1890 e 1902).

Assim coloca Köpke, nas páginas iniciais do *Livro das Mães* (1890): o ensino não deve começar pelas lições do ABC ou pelas sílabas, ou ainda pelas palavras, “que é tudo a mesma coisa” (p. 82), mas sim por sentenças, por conjuntos que ella [a criança] tenra como é, ouve e compara” (p. 82). Por sua vez, também Barreto (1930), questionando o método sintético da silabação e soletração, transcreve as instruções recomendadas aos professores do estado de S. Paulo, pelo director Geral do Ensino [Oscar Thompson], apontando que: “ (...) é mister que a [criança] se habitue a ler, na palavra ou na sentença, não as syllabas ou letras de que ellas as fórmam, mas a ideia e o pensamento que encerram” (p. 95).

Ainda que concordando com os mesmos princípios, vemos aqui uma primeira distinção entre esses dois autores. Para Köpke, a criança aprende a ler de forma similar à aprendizagem da fala, pela imitação, pela análise, pela prática (uso) de sentenças como unidades de sentidos de um todo da língua. Para Barreto, no entanto, a compreensão também é possível, além das sentenças, pelas palavras, pois tanto uma quanto outra são unidades que encerram ideias e pensamentos.

As primeiras lições de *O livro de Hilda* pouco diferem daquelas presentes na *Cartilha analytica* (BARRETO, 1930). Na primeira lição da obra de Köpke, as crianças, em face das estampas, constroem o seguinte texto: “aqui está a minha mamãe/ aqui está o meu papai/ a mamãe está com o néné/ o néné está olhando para o papai/não acha o néné bonito, Olguita?” (KÖPKE, 1902, p. 1). Já a primeira lição da obra de Barreto (1939) é essa: “1. Eu vejo um menino. 2. Este menino chama-se Paulo. 3. Paulo tem uma bola. 4. ?Vocês estão vendo a bola? 5. A bola é azul”. (p. 9).

Nesse caso, os contos propostos, tanto por Köpke quanto por Barreto, a partir da observação das estampas, são igualmente descritivos, compostos de cinco ou seis sentenças, com pouca variedade lexical e com a presença e uso de recursos textuais analíticos que podem ser associados às habilidades de observar a imagem pela visão – o que é explicitado pelos advérbios, pronomes demonstrativos e verbos - aos procedimentos mentais calcados na

descrição de estampas (SANTOS, 2013; FRADE, 2011), como temos em Köpke (1890): “aqui está a minha mamãe” (p. 2); “olhe nhonhô” (p. 3) - ou em Barreto (1930): “!Olhe, onde está o Pery!” (p. 12); “Aqui está um ninho” (p. 15).

No entanto, para Köpke, em *O Livro de Hilda* (1902), o texto é explorado com diferentes finalidades e em situações variadas ao longo das três partes que compõem a cartilha. Pelas estampas (desenhos feitos pelo autor, com lápis colorido), ao lado dos textos descritivos, vamos conhecendo, na forma de narrativas, os personagens (Hilda, Olguita, sua família) em seu cotidiano, na sua casa, no bairro, nas atividades de lazer etc.

Na construção das lições - tais como propostas por Köpke (1902), as historietas são contadas, predominantemente, pelo narrador na primeira pessoa, Hilda, fazendo as apresentações a Olguita. Portanto, as perguntas finais no texto são dirigidas a ela, enquanto que em Barreto (1930), o narrador-autor, também na primeira pessoa, interroga retoricamente o leitor pressuposto do livro como, por exemplo: “?Vocês sabem como canta o Chantecler?” (p. 23).

Em *O Livro de Hilda*, os textos descritivos das vinte primeiras lições têm o eixo narrativo preservado pela coesão e coerência estabelecidas com 31 histórias narradas oralmente pelo professor. Desta forma, a criança aprende a ler em textos descritivos que se intercalam às narrativas vivenciadas pelas protagonistas.

Para Barreto (1930), os pensamentos anunciados em sentenças pela observação de um objeto ou estampa são respostas às perguntas direcionadas feitas pelo professor, de modo que o “objecto logico de uma seja empregado como sujeito da sentença immediata, formando o todo uma pequena historia descriptiva do objecto ou estampa que sirva de assumpto da lição” (p. 95). Portanto, o eixo de coesão e coerência do texto é dado sintaticamente pela repetição de um substantivo que, no final da sentença, se apresentará novamente no início da próxima frase.

Tanto para Barreto (1930) quanto para Köpke (1902; 1890), uma mesma estampa pode ser descrita seguindo um mesmo “padrão” de texto, resultando na criação de três ou quatro versões (séries), passo indicado pelo método analítico.

Assim, embora Köpke denomine seu método como “*analítico da palavração*”, este tem como centralidade a audição/leitura de uma historieta que cativa a criança (mais do que de um conjunto de sentenças descritivas sobre uma estampa), conforme já apontaram também Ribeiro (2001) e Mortatti (2000).

São distinções que pressupõem concepções igualmente distintas sobre usos da língua, sobre a didática da leitura, sobre a configuração do texto, sobre o que se entende como fácil, agradável e próprio do universo infantil para suscitar a atividade mental das crianças – nos permitindo afirmar que no “método analítico” adotado por diferentes autores de cartilhas e professores no seu cotidiano escolar, cabem diferentes configurações.

Palavras finais

Podemos concluir que João Köpke e Arnaldo Barreto: estiveram próximos pela atuação comum no campo educacional, tendo sido ambos autores de livros para uso escolar, publicados até meados do século XX, pela prestigiada Livraria Francisco Alves, tendo sido também dois divulgadores e defensores do método analítico para o ensino da leitura.

No entanto, muitos pontos os colocaram em posições bastante distintas: Köpke foi bacharel do Largo de S. Francisco, que por opção exerceu o magistério, enquanto Barreto era o normalista formado pela Escola Normal de S. Paulo, dois diferentes *locus* de poder na discussão dos rumos da educação paulista; as cartilhas de Barreto são aprovadas e recomendadas pelos órgãos da Instrução Pública de S. Paulo, enquanto as de João Köpke são rejeitadas; o método analítico apresentado por esses autores tem significativas singularidades do ponto de vista da

concepção de linguagem. Finalmente, como tentamos indicar na análise empreendida, concluímos, de forma original em relação aos estudos já realizados sobre esses autores, que a concepção de historieta/conto/texto configurada por cada um deles não só é distinta do ponto de vista composicional, como também apresenta nuances relacionadas à importância dada aos textos e ao tipo de atividades propostas para o ensino da leitura, assim como ao entendimento do que seja significativo e de interesse para o leitor infantil.

Referências

BARRETO, A. **Cartilha analytica**. 32. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

BERNARDES, V. C. Um estudo sobre a Cartilha Analytica, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1869 – 1925). **Revista de Iniciação Científica da Faculdade de Filosofia e Ciências**, UNESP, Marília- SP, v. 8, n. 1, p. 8-17, 2008.

FERREIRA, N. S. A. **Um estudo sobre “Versos para os pequeninos”** – um manuscrito de João Köpke. Tese (Livre docência, área Educação, conhecimento e Arte), 413f. 2014, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – SP. As cartilhas de João

FERREIRA, N. S. A. Köpke para o ensino da leitura. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Vitória, ES, vol. 1, n. 1, jan./jun. 2015, p. 155-176, 2015.

FERREIRA, N. S. A. e SANTOS, M. L. K. O Livro de Hilda (1902), a cartilha do método analítico, por João Köpke. **Revista Pró-Posições**, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, v. 26, n. 2, (75), set./dez. 2014.

FRADE, I. C. “Livros para ensinar a ler e a escrever: uma pequena análise da visualidade de livros produzidos no Brasil, em Portugal e na França, entre séculos XIX e XX”. In: Bragança A. R. ABREU, M. (Org.) **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 171-190.

FRADE, I. C. A. S. “Arnaldo de Oliveira Barreto: um autor entre livros para alfabetizar e para desenvolvimento da leitura”. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**, 6, 2011, São Luís, Maranhão. Texto cedido pela autora.

KÖPKE, J. **Methodo racional e rapido para aprender a ler sem soletrar**. Dedicado à infância e ao povo brasileiro. 2. ed. São Paulo: A. L. Garraux, 1879.

KÖPKE, J. **O Livro de Hilda pelo processo analytico**. 1902A. (Manuscrito).

KÖPKE, J. **O livro Infantil**. Primeiras leituras. RJ, Imprensa Nacional, 1890 C.

KÖPKE, J. O livro das Mães. Ensino da leitura analytica. In: **Revista Pedagógica**, RJ, Livraria Clássica de Alves & Cia., Tomo 1, n1. 15 de novembro de 1890 A, p. 78-86. (microfilmado).

KÖPKE, J. O livro das Mães. Ensino da leitura analytica. In: **Revista Pedagógica**, RJ, Livraria Clássica de Alves & Cia., Tomo 1, n3. 15 de dezembro de 1890 B, p. 175-180 (microfilmado).

KÖPKE, J. “A leitura analytica” (1ª. parte - Conferência proferida em 01 de março de 1896). **Revista de Ensino**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 13-16, 1910.

MAZIERO, M. D. S. **Arnaldo de Oliveira Barreto e a Biblioteca Infantil Melhoramentos (1915-1925):** Histórias de ternura para mãos pequeninas. Tese (Doutorado em Educação), 2015, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

MORTATTI, M. R. do L. “João Köpke”. In: FÁVERO, M. de L. de A; BRITO, J. de M. (Org.). **Dicionário de educadores no Brasil:** da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

MORTATTI, M. R. do L. **Os sentidos da alfabetização** (São Paulo – 1876/1994). São Paulo: Editora da Unesp; Brasília: MEC/Inep/Conped, 2000.

PANIZZOLO, C. **João Köpke e a escola republicana:** criador de leituras, escritor da modernidade. Tese (Doutorado em Educação). 2006, 358 f., Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, SP.

RIBEIRO, N. R. **Um estudo sobre a Leitura Analytica (1896), de João Köpke.** 2001. 66f. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências-UNESP, Marília.

SANTOS, M. L. K. **Lendo com Hilda, João Köpke, 1902.** Tese (Doutorado em Educação), 2013, 232f., Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

VALDEMARIN, V. T. “O método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado”. In: SAVIANI, Dermeval (et al.). **O legado educacional do século XX.** Campinas, SP: Autores Associados, 2006.